

A EDIÇÃO POLÍTICA EM PORTUGAL: DO COMBATE À DITADURA À REVOLUÇÃO DOS CRAVOS

Flamarion Maués¹

Resumo: Este artigo aborda a atuação de editoras de caráter político em Portugal antes e depois da Revolução dos Cravos de 1974, buscando mostrar que, apesar dos cerceamentos que sofriam sob a ditadura, estas editoras conseguiram ter um importante papel na publicação de livros que representavam um desafio ao poder instituído. Em seguida, procuro indicar como o processo revolucionário que se inicia após o golpe dos “capitães de Abril” se refletiu no campo editorial. Finalmente, apresento um esboço da história de duas editoras fundamentais nesse processo: as editoras Seara Nova e Estampa. Ambas mantiveram em determinados momentos ligações com o Partido Comunista Português (PCP), atuaram de modo significativo no campo da publicação de obras de esquerda mesmo durante a ditadura, e incrementaram sua participação no mundo editorial português após o 25 de Abril de 1974.

Palavras-chave: Edição política em Portugal; História Editorial portuguesa; Livros de caráter político.

Abstract: This article evaluates the role of political publisher presses in Portugal, before and after the Carnation Revolution in 1974. Firstly, I intend to demonstrate that, in spite of the repression and censorship under dictatorship, these presses were able to have an important role, by publishing books that were a challenge to power. Secondly, I indicate how the revolutionary process was reflecting in the publisher's field. And finally, I focus in two important publishers presses: *Seara Nova* and *Estampa*. Both were already very active in publishing leftwing literature even during the dictatorship. They also had connections with the Portuguese Communist Party (PCP) and increased their space in the Portuguese publishers' world after the April, 25th 1974.

Keywords: Political publishers in Portugal; Portuguese history of books; Political books.

*Vimos com o peso do passado e da semente
Esperar tantos anos torna tudo mais urgente
e a sede de uma espera só se estanca na torrente
("Liberdade", de Sérgio Godinho)*

Portugal assistiu desde 1968, mas principalmente após a derrubada da ditadura salazarista em 25 de Abril de 1974, a uma explosão do que podemos chamar de *edição política*, ou seja, a publicação de livros de caráter político, marcadamente de obras vinculadas ao pensamento de esquerda, dentro de um movimento mais amplo de liberação política e cultural decorrente do fim da

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em História Social da USP (Universidade de São Paulo). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Email: flamaues@gmail.com ou flamaues@usp.br. A pesquisa que deu origem a este artigo foi realizada graças a uma bolsa concedida pela Fundação Calouste Gulbenkian, de Portugal.

opressão. Surgiram inúmeras editoras de cunho claramente político-ideológico, muitas delas com vinculações com partidos ou grupos políticos.

Desde 1968, com a substituição, em setembro daquele ano, de Oliveira Salazar por Marcelo Caetano à frente do governo português, iniciou-se um movimento editorial que acompanhou a rearticulação de setores oposicionistas, em especial de setores ligados ao campo estudantil e a grupos à esquerda do Partido Comunista Português (PCP). Além disso, as promessas de liberalização do regime que então surgiram deram certo alento, inicialmente, a este movimento, pois resultaram no relaxamento de alguns instrumentos de controle da ditadura. Mas esta “primavera marcelista” pouco durou, e no começo dos anos 1970 voltou a prevalecer um regime político mais duro (Oliveira, 1993, p. 114).

A discussão sobre o papel que desempenharam as editoras de caráter político em Portugal a partir de 1968 passa, em um primeiro momento, pela compreensão de quais eram e como estavam organizados os setores políticos, sociais, econômicos e culturais que configuravam a oposição ao regime do Estado Novo. E, num segundo momento, após o fim da ditadura, liga-se ao modo como esses setores se colocam em relação à nova ordem que se começa a construir. Foi principalmente neste campo, ou seja, entre os opositores do salazarismo e aqueles que ajudaram a derrubá-lo, que os livros políticos surgiram, se difundiram e prosperaram. Várias das editoras que publicavam estes livros surgiram nos anos 1960 e 1970 dentro desse amplo setor. A pesquisa que estou desenvolvendo² mostra que elas ganham importância e projeção a partir de relações que estabelecem nesse campo e, num momento posterior, passam a colaborar com certo peso para a difusão mais ampla na sociedade das ideias reformistas ou revolucionárias.

É nesse caldo de cultura, em que a atuação política de forma aberta volta a ser uma possibilidade real, que as editoras de caráter político se desenvolvem e passam a ter destaque na vida pública, difundindo ideias, denúncias, novos comportamentos e atitudes culturais, dando voz a (ex)exilados, (ex)presos políticos, políticos proscritos, líderes da oposição,

² Trata-se da pesquisa de meu doutorado em curso na Universidade de São Paulo, intitulado “Editoras de livros políticos nas transições das ditaduras no Brasil e em Portugal, anos 1970-80”, sob orientação do Prof. Lincoln Secco.

dissidentes do regime, fazendo circular amplamente uma farta literatura socialista e marxista, trazendo a público uma literatura nacional feita por novos e velhos escritores e que tinha a marca do questionamento da realidade do país.

Baseio-me, em minha análise, em algumas ideias do historiador norte-americano Robert Darnton, em particular as que mostram que é preciso “compreender o livro como uma força da história” (Darnton, 1996, p. 14) e, principalmente, em sua conclusão de que “os livros não se limitam a relatar a história: eles a fazem” (Darnton, 1990, p. 131).

Se é certo que os livros políticos – inclusive os publicados pelas editoras aqui analisadas – “transmitiam uma mensagem política e uma visão geral da política” (Darnton, 1998, p. 14.), seria possível pensar, como Darnton pensou em relação a outro contexto, que eles de certa forma “moldaram a própria realidade e ajudaram a determinar o curso dos acontecimentos”? (Idem, *ibidem*, p. 15)

É claro que devemos levar em conta as diferenças entre o impacto da circulação de livros no quarto final do século XX, época do nosso estudo, e em fins do século XVIII, época estudada por Darnton. Mas é uma hipótese que me parece pertinente analisar.

Também de grande valia é o modelo desenvolvido por Darnton a respeito da difusão de livros em uma sociedade e das redes de comunicação que se estabelecem para tanto (Idem, *ibidem*, p. 185-213). De forma sucinta, podemos dizer que este modelo busca “representar o processo de comunicação de forma que faça justiça à sua natureza sistêmica e à inter-relação de suas partes”, de modo a admitir “influências externas em cada estágio” (Idem, *ibidem*, p. 198).

1. Os livros de caráter político antes do 25 de Abril

Boa parte da literatura marxista e socialista, sobretudo dos seus principais teóricos e pensadores, foi publicada em Portugal antes do 25 de abril, e, com maiores ou menores dificuldades e perseguições, estava disponível ao público

de estudantes, militantes e simpatizantes que tinha um interesse mais imediato por tais obras – e que conhecia os caminhos para ter acesso a elas.

O livreiro e editor Luís Alves Dias, da Livraria Ler, desde 1970 instalado no bairro de Campo de Ourique, em Lisboa, explica como fazia, naquela época, para vender livros que poderiam sofrer perseguições da DGS (Direção Geral de Segurança), novo nome que a famigerada PIDE (Polícia Internacional e de Defesa do Estado) havia recebido no período do marcelismo:

Fazíamos, por exemplo, 5.000 exemplares e a tipografia passava-nos uma factura de 1.500. Sobre esses 1.500 é que nós faturávamos a todas as livrarias. Ficavam 3.500 para vender pela *porta do cavalo*, como se costumava dizer. Era isso que nos salvava. Dos 1.500 eram apreendidos, se calhar, uns 700 ou 800. Isto porque as apreensões vinham três ou quatro dias depois de estarem os livros nas livrarias. (Dauro, 2008)

Por meio de artifícios como estes, ocorria a comercialização das obras perseguidas ou proibidas:

“À sorrelfa, arranjavam-se os livros dos quais o regime não queria que se ouvisse sequer falar. Escondiam-se em vãos de estantes, paredes falsas, ou até baldes de tinta, e só se vendiam a clientes de confiança – ‘por debaixo do balcão’, embrulhados em papel pardo” (Barata; Queirós, 1994).

Como recorda José Reis, gerente da Livraria Portugal, em Lisboa, “Os livros proibidos eram verdadeiros *best-sellers*, tanto pelo que eram, como por serem proibidos. Muitas vezes nem eram nada de especial. Mas a proibição aguçava o apetite” (Barata; Queirós, *op. cit.*).

Todos estes mecanismos de burla da repressão existiam justamente porque havia grande cerceamento à atuação das editoras e dos livreiros. “De uma só vez, a editora Europa-América teve 73 mil livros apreendidos e 23 títulos proibidos” (Brandão, 2007), em junho de 1965, o que causou grande prejuízo financeiro à editora, que quase foi à falência.

E ainda poucos meses antes do 25 de Abril de 1974, o ministro do Interior, Gonçalves Rapazote, deu ordem à polícia política para que fosse intensificada a vigilância sobre a edição e a venda de livros “subversivos”. Tais ordens eram as seguintes:

- 1 - Relacionar as tipografias que se dedicam à impressão de livros suspeitos – pornográficos ou subversivos;
- 2 - Organizar um plano de visitas regulares a essas tipografias para impedir, efetivamente, a impressão de textos suscetíveis de proibição; [...]
- 5 - Organizar a visita regular às livrarias de todo o País para sequestro de livros; revistas e cartazes suspeitos e para apreensão dos que já estão proibidos pela Direção dos Serviços de Censura. (Brandão, *op. cit.*)

Mas, mesmo com estas perseguições, podemos afirmar que ainda durante a ditadura salazarista a circulação de livros de esquerda, marxistas e socialistas, foi razoavelmente ampla, principalmente no final dos anos 1960 e início da década de 1970. Como nos disse o professor António Monteiro Cardoso, naquela ocasião, militante do Movimento Reorganizativo do Partido do Proletariado (MRPP): “Li tudo o que precisava para a minha formação marxista antes de 1974. Estava tudo disponível, desde que se tomassem certos cuidados e se conhecessem os canais certos” (Entrevista com António Monteiro Cardoso, 2 de março de 2011, Lisboa).

Tão ampla era a circulação desta literatura que chegou a ser tratada em uma série de oito artigos, publicados de novembro de 1971 a abril de 1972 no jornal *Época*, um periódico claramente identificado com o regime³. Este levantamento, feito por Martinho de Freitas, apresentava, nas palavras do autor, os livros que conformavam um “movimento editorial de intenção revolucionária” (Freitas, 1972). Freitas listou dezenas de títulos de Marx, Engels, Lenin, Stalin, Trotsky, Mao Tsé-tung, Fidel Castro, Che Guevara, entre outros, editados apenas no ano de 1971 em Portugal.

Tratando da difusão de obras sobre marxismo em Portugal, António Ventura detecta um “surto editorial nunca antes experimentado” dessas edições a partir de 1970, afirmando que: “Se antes era difícil encontrar, no mercado luso, obras de Marx e Engels, elas começaram a surgir com uma profusão surpreendente”, desde então (Ventura, 2000, p. 217). O mesmo fenômeno é também destacado por Miguel Cardina:

Na aurora dos anos 70, ocorre em Portugal uma verdadeira explosão ao nível da tradução de textos das mais variadas correntes do marxismo [...]. Marx,

³ Os artigos foram publicados nos dias 30/11 e 19/12/1971 e 4/1, 7/1, 19/3, 31/3, 7/4, 9/4, 16/4, 21/4 e 23/4/1972. Agradeço ao prof. José Manuel Lopes Cordeiro, que gentilmente me cedeu cópias desses artigos.

Engels, Lenine, Mao Tsé Tung, Rosa Luxemburgo, Trotsky e Gramsci são profusamente vertidos para o português. (Cardina, 2008, p. 118)⁴

De acordo com este autor, algumas das editoras que relacionamos ao grande movimento editorial de caráter político pós-25 de Abril destacaram-se, mesmo antes do fim da ditadura, por publicar parte substancial das traduções por ele mencionadas, nomeadamente as editoras D. Quixote, Prelo, Portucalense, Estampa, Presença e Centelha. Ainda segundo Cardina:

Uma fatia não despidianda era também traduzida e divulgada no limitado circuito estudantil, através de estruturas de imprensa clandestina. Importante era ainda o papel das cooperativas livreiras, bastante ativas durante o marcelismo e animadas por variados setores de oposição [...]. (Cardina, *op. cit.*, p. 119)

É interessante também assinalar que um livro, *Portugal e o Futuro*, do general António Spínola – futuro presidente do país –, teve papel importante no processo político que levou ao golpe de 25 de Abril. Publicado pela editora Arcádia, de Lisboa, em 20 de fevereiro de 1974, a obra representou uma contestação aberta, ainda que moderada, à política colonial do regime português, feita por um dos mais importantes generais do exército, que havia sido, até pouco tempo antes, governador e comandante-chefe das Forças Armadas da Guiné, e ocupava na ocasião do lançamento do livro o cargo de vice-chefe do Estado Maior General das Forças Armadas. De acordo com José Alberto Loureiro dos Santos: “Este facto [a publicação do livro] funcionou como um autêntico anúncio de uma revolta militar” (Santos, 2007, p. 14). Revolta que de fato ocorreu, dando origem à Revolução dos Cravos.

2. Os livros no pós-25 de Abril

O fim da ditadura teve forte impacto na edição de livros políticos, pois passou a ser possível publicar tudo sem restrições legais, sem perseguição policial e, principalmente, houve um grande aumento do interesse por este tipo

⁴ A obra de Cardina apresenta como anexo uma lista de “Obras de autores marxistas publicada durante o marcelismo” (p. 252).

de livro. Se antes eram os estudantes, militantes e simpatizantes os principais compradores, em 1974 e 1975 esse público aumentou enormemente.

Francisco Melo, diretor das Edições Avante!, a editora do PCP, lembra:

Havia, depois de quase meio século de fascismo, muito interesse no conhecimento desse material [político], quer dos materiais do partido, quer dos clássicos do marxismo, embora um ou outro já se conseguisse editar nos últimos tempos do fascismo, mas aquilo foi um rio que se soltou, rompeu-se o dique, era um entusiasmo enorme, grandes tiragens. (Entrevista com Francisco Melo, 1º de Fevereiro de 2011, Lisboa)

Assim, é inegável que a onda de liberdade advinda da revolução que se iniciou com o fim da ditadura em Portugal fez crescer como nunca o número de editoras e de livros publicados, dos quais parte significativa era de cunho político e com perfil de esquerda, ou de denúncia do antigo regime, dentro de um movimento cultural mais amplo, que abrangia variadas áreas.

Um jornalista brasileiro em visita a Lisboa pouco depois do 25 de Abril registrava:

A Revolução de Abril provocou um boom no terreno da informação. Os livros proibidos caíram de súbito em meio à curiosidade de quase meio século. Espalham-se pelas calçadas os clássicos marxistas e as obras de divulgação, que compreendem desde os enciclopedistas até os modernos divulgadores da genética. As livrarias também fervem. Em suas vitrinas predominam os fascículos sobre os eventos e livros nunca difundidos. Percebe-se, de fato, o voraz manuseio dos volumes de capa vermelha, destacando-se os títulos das memórias de [Álvaro] Cunhal e [Mario] Soares, líderes respectivos dos partidos comunista e socialista. (Mercadante, 1975, p. 26)

O mesmo autor ressalta entre os livros então em destaque trabalhos de divulgação das estruturas de repressão do salazarismo, que traziam um inventário do sistema policial, listas com a relação dos torturadores, além de informações sobre processos de espionagem interna durante a ditadura. E também outros livros mais antigos, proibidos até então, alguns deles relativos aos primeiros anos do fascismo, como o de Cansado Gonçalves, por exemplo (Mercadante, *op. cit.*, p. 26)⁵.

⁵ Mercadante menciona ainda a difusão em Portugal de obras que tratavam das lutas de libertação nas colônias: “Mais impressiona a divulgação da literatura dos movimentos africanos. Os textos de Amílcar Cabral, líder do Partido da Independência da Guiné e de Cabo Verde (PAIGC), morto na luta em janeiro de 1973, aparecem em brochura, enquanto que o

Em 1979, Maria da Piedade e Pina Mendes, responsáveis pelo Departamento Editorial da Bertrand, uma das maiores editoras de Portugal, analisavam as mudanças no setor editorial após o 25 de Abril:

[...] nunca em Portugal se editou tanto livro como depois do '25 de Abril'. Mesmo hoje, decorridos quase cinco anos, editam-se e vendem-se mais livros do que 'antigamente', embora, talvez não tantos como em 1975 e 1976. O '25 de Abril' trouxe ao nosso país profundas alterações políticas, sociais e econômicas: a censura foi abolida, houve, por parte do público, um interesse por temas até aí proibidos ou escamoteados, fome de cultura e houve, por outro lado, uma melhoria substancial das condições de vida. (Entrevista, 1979, p. 8.)

Assim, no período que se inicia com a derrubada da ditadura, e que teve uma intensidade extraordinária até o final de 1975, veremos uma enorme efervescência editorial, com amplo destaque para as edições políticas e de esquerda. De acordo com os resultados preliminares de minha pesquisa sobre a criação e a atuação de editoras que publicaram livros de caráter político em Portugal no período entre 1968 e 1982 – ou seja, a partir da substituição de Salazar por Marcelo Caetano até a extinção do Conselho da Revolução, que marca a consolidação da institucionalização da Revolução dos Cravos –, existiram pelo menos 145 editoras que se encaixam neste perfil, um número absolutamente surpreendente.

Mais de metade destas 145 editoras (76 editoras ou 52,4%) surgiram a partir de 1974, ou seja, sua história está diretamente relacionada com o fim do regime fascista em Portugal. É impressionante a efervescência editorial proporcionada pelo clima de liberdade gerado com o 25 de Abril, já que apenas nos anos de 1974 e 1975 nasceram 40% destas editoras (58 editoras). Trata-se do período em que a agitação e a participação políticas atingiram níveis nunca antes vistos no país.

Uma ideia interessante para estabelecer a cronologia e a origem das editoras de caráter político em Portugal foi apresentada pelo prof. José Manuel Lopes Cordeiro, da Universidade do Minho, ao sugerir que teria havido uma “primeira geração” de editoras, surgidas a partir de 1968 com a abertura

Movimento Popular de Angola edita páginas sobre o neocolonialismo. A Frente de Libertação de Moçambique é porém a mais ativa em seu programa editorial, pois além de relatos, distribui um número sem conta de prospectos mimeografados a respeito dos vários problemas africanos” (p. 27).

iniciada por Marcelo Caetano, e uma “segunda geração”, filha do golpe de 25 de abril e do processo revolucionário que ele desencadeia (Conforme depoimento ao autor, em 8 de março de 2008).

Devemos destacar que entre as editoras que passaram a editar livros políticos havia também algumas editoras comerciais que não tinham ligações com grupos políticos e que até então não se voltavam para a edição política. Estas editoras passaram a publicar tais livros em função da boa aceitação que eles começaram a ter na nova conjuntura portuguesa.

Este “oportunismo” foi denunciado em alguns jornais de grupos de esquerda, como podemos ver na matéria do *Revolução*, jornal do Partido Revolucionário do Proletariado-Brigadas Revolucionárias/PRP-BR (Cordeiro, 2009):

Temos vindo a assistir, depois do 25 de Abril, ao grande oportunismo com que se editam livros nesta terra. Os senhores do capital desenvolvem mais um negócio, metem mais algum no bolso e passam a ter a suprema qualidade de ‘democratas’ pois até já editam Marx, Lenine etc. etc. (Parceria, 1975, p. 10)

Sobre o conteúdo e a qualidade de parte do *boom* editorial ocorrido em 1974-1975, é interessante a avaliação de Josué da Silva:

Nada do que se escreveu após o ‘25 de Abril’ em torno do regime implantado pelo “28 de Maio” de 1926 e das organizações com que o Estado Novo fascista pretendeu eternizar a sua vigência, pode ser considerado como obra verdadeiramente histórica. Apontamentos, achegas, reflexões que não-de permitir aos autênticos historiadores debruçar-se com alguma lógica sobre o negro período da ditadura iniciada por Salazar, o seu fim, foi tudo quanto se deu à luz neste primeiro ano de democracia. O que não deixa de ser importante. Mesmo descontando as lacunas, os exageros naturais de um clima revolucionário, a contribuição está dada, e isto sem que se possa dizer que tenha sido escassa. A par das primeiras descrições, várias delas muito sobre o joelho, do golpe dos Capitães, logo surgiram os “dossier Pide-DGS” em profusão de muitos militantes antifascistas, a cronologia dos vários acontecimentos revolucionários com que, ao longo de quarenta e oito anos, se tentou derrubar o regime odiado, as narrativas da resistência etc. Na realidade, nem sempre bem escrito (o que talvez não importe, atendendo ao fim em vista), raramente bem escolhido, repetitivo, falhado neste ou naquele pormenor, o material apresentado foi de tal modo profuso que nos espanta. (Silva, 1975)

Mas talvez um dos aspectos mais importantes de toda essa ampla difusão de livros, independentemente do que pensemos da sua qualidade, é que a

história e a realidade mais recentes de Portugal começaram a vir a público e a ser conhecidas por amplas camadas da sociedade, de uma maneira totalmente diferente do que ocorria até 1974. E isso certamente foi importante para ajudar a transformar o país.

Em seguida, apresentarei um esboço das trajetórias de duas das mais importantes editoras de livros de caráter político em Portugal que iniciaram sua atuação antes do fim da ditadura e continuaram atuando depois do 25 de Abril. São as editoras Seara Nova e Estampa. Ambas tiveram, em determinados momentos de sua história, ligações com o PCP e publicaram livros ligados à linha de atuação do partido.

3. Editora Seara Nova

A editora Seara Nova surgiu como decorrência das atividades da revista de mesmo nome, criada em 1921 em Lisboa por um grupo de intelectuais que se tornaria célebre em Portugal: Aquilino Ribeiro, Augusto Casimiro, Câmara Reis, Faria de Vasconcelos, Jaime Cortesão, Raul Brandão, Raul Proença, aos quais logo se juntaram Azeredo Perdigão e António Sérgio. Segundo António Reis, a revista constituiu

o principal órgão de intervenção na vida política e cultural de sucessivos grupos de intelectuais republicanos de esquerda ao longo de seis décadas, a par de outros meios, nomeadamente a atividade editorial e a organização de ciclos de conferências e colóquios, bem como a participação de atos políticos em circunstâncias determinadas. (Reis, 1996)

Assim, acabou por ser “um dos instrumentos escritos mais contumazes no campo da oposição democrática ao regime de Salazar”, conforme Nuno Medeiros (2010).

A edição de livros pela Seara Nova começou quase ao mesmo tempo em que a edição da revista, pois já em 1921 apareceram livros com este selo. Esta primeira fase, de acordo com Irene Lisboa (1944, p. 214-18 *apud* LEITE, 1998), caracterizou-se pela edição de “um conjunto de textos dispersos, sem linha editorial definida, na maioria dos casos de autores colaboradores da

revista”. A partir de 1934, sob a direção editorial de Câmara Reis, surgiu a coleção Cadernos Seara Nova, que tinha objetivos de divulgação científica e cultural e teve grande atividade até 1943, período em que foram publicados 86 volumes. A coleção se manteve ativa até o final da editora, em 1978-79. Além disso, havia também, nesta primeira fase, a coleção Textos Literários, dirigida por Rodrigues Lapa.

Depois de um período relativamente longo em que as atividades da revista e da editora decaíram significativamente, em 1959, ainda sob a direção de Câmara Reis, abriu-se uma nova etapa, com o revigoramento da revista e a participação de novos colaboradores que lhe injetaram novo ânimo, como Manuel Sertório, Rui Cabeçadas, Nikias Skapinakis, Augusto Abelaira e Lopes Cardoso. É o início do que António Reis chamou de o 4º ciclo da vida da Seara Nova (1959-1974): “período de renovação doutrinária mercê de forte influência das correntes marxistas, com abertura às novas gerações, e de significativa expansão da revista e demais publicações, com crescente intervenção cívico-cultural” (Reis, *op. cit.*).

É dentro do período compreendido por este ciclo que ocorre a substituição de Salazar por Marcelo Caetano, em 1968, marcando, inicialmente, novas possibilidades de atuação política e intelectual para os grupos de oposição. Este será um período de grande expansão da Seara Nova. Nas vésperas do 25 de Abril a revista chegou a ter uma tiragem de 30 mil exemplares e cerca de 18 mil assinantes, e a editora publicava uma média de dois novos títulos por mês (Reis, *op. cit.*).

O que não significava que não houvesse cerceamento à atuação da editora, aliás, muito pelo contrário. Como destaca José Brandão:

Nos dois anos que antecedem ao 25 de Abril de 1974, as prateleiras da editora *Seara Nova* ficaram com menos 1.500 contos de livros que a PIDE/DGS se encarregou de levar para os armazéns da Rua António Maria Cardoso. Além de ter alguns dirigentes e colaboradores detidos na prisão de Caxias (situação que era já quase normal), a *Seara Nova* podia contar, nessa altura, com pelo menos cinco processos por edições de livros considerados subversivos e que a DGS tinha já enviado para o Tribunal Plenário. (Brandão, *op. cit.*)

Em um texto publicado na revista *Seara Nova* em Dezembro de 1974, os responsáveis pela editora lembravam o clima em que tinham que trabalhar durante a ditadura:

Era permanente a presença da PIDE nas nossas instalações, sob qualquer pretexto ou sem pretexto nenhum, com seu habitual cortejo de ameaças e violência e depredações; as monstruosas apreensões de livros que nos criaram uma situação financeira angustiante e se revelavam processo eficaz de nos impedir de continuar com as nossas edições; as constantes intimidações para depor em processos que se acumulavam e aos quais sabíamos mal como poderíamos resistir. (Seara Nova, 1974)

José Garibaldi, responsável pelas edições da Seara Nova no começo dos anos 1970, havia passado à clandestinidade sete dias antes do 25 de Abril para escapar à prisão, pois a PIDE detivera elementos da revista *Seara Nova*. “Foi a última vaga de prisões da polícia política antes da revolução, no dia 18 de Abril” (Clandestinos, 1994).

No levantamento de “Livros proibidos nos últimos tempos da ditadura”, José Brandão (*op. cit.*) aponta 21 títulos da Seara Nova proibidos até a queda de Marcelo Caetano, marcando-a como uma das editoras mais atingidas pela censura.

Haverá uma viragem importante a partir do 25 de Abril, não só pelo fim da ditadura, mas porque, em relação à Seara Nova, abre-se, sempre de acordo com a cronologia proposta por António Reis, o 5º ciclo da vida da revista/editora, marcado pela conquista da maioria do capital social da empresa por acionistas ligados ao PCP, o que resulta, segundo Reis, na “hegemonia doutrinária comunista, que leva à imediata desagregação do grupo e à drástica redução do universo dos assinantes e leitores da revista com a sua consequente morte” (Reis, *op. cit.*).

Assim, entre 1968 e o fim da década de 1970, haverá duas fases distintas na orientação da edição de livros pela Seara Nova: de 1968 até o 25 de Abril, e daí até o fim da editora, em 1978-79. A direção da editora já estava a cargo de José Garibaldi antes do 25 de Abril, mas a partir de Janeiro de 1975 ele passou a acumular também a direção da revista, substituindo Rodrigues Lapa.

O período a partir de 1968 representa algum crescimento na edição de livros políticos pela Seara Nova, com uma média de 6,6 títulos anuais entre 1968 e 1972. Mas é o ano de 1973 que marca um salto na atuação da editora, com o total de títulos chegando a 21, graças ao incremento da coleção Cadernos Seara Nova e ao início da coleção Que País?.

Os quatro anos seguintes (1974 a 1977) assinalam o período áureo da editora, quando são editados mais de 130 títulos de caráter político, com uma média anual acima de 30 títulos (sem contar outros títulos de caráter literário, publicados nas coleções Textos Literários, Teatro e Ficcionistas Portugueses). Nesses anos surgem algumas novas coleções: Biblioteca Socialista Portuguesa, Educação e Ensino, Temas Atuais e Ecologia e Sociedade.

Além do aumento da atividade editorial, o período que começa em 1974 apresenta uma maior inclinação à esquerda da linha editorial. Autores como Sottomayor Cardia, do Partido Socialista, afastam-se da editora. Ao mesmo tempo, nomes claramente vinculados com a linha política (nacional e internacional) do PCP ganham destaque: António Borges Coelho, Eugénio Rosa, José Saramago, Bento Gonçalves, Palmiro Togliatti e Georges Marchais, entre outros. E passam a ser publicados alguns textos de Marx, Engels e Lenin, além de algumas obras sobre a União Soviética. Mas não ocorre uma sectarização do catálogo, que mantém algum arejamento.

Na edição de janeiro de 1974 da revista *Seara Nova* – antes, portanto, do fim da ditadura –, um comunicado da editora anunciava a existência de um projeto para incrementar as edições. Este comunicado reafirmava o projeto da Seara Nova de ser uma empresa “com características especiais: o lucro que visamos só interessa na medida em que pode ser reinvestido para a satisfação progressiva dos interesses intelectuais dos nossos leitores e amigos” (Comunicado, 1974.). Essa definição era reforçada em outro texto, publicado menos de dois meses após o 25 de Abril, em que a Editora Seara Nova definia-se “como uma editora não comercial – não distribui lucros pelos seus acionistas, utilizando-os em investimentos de caráter cultural – atenta e virada para a realidade social do nosso tempo, para a história portuguesa e para os grandes clássicos da nossa literatura” (AA.VV., 1974).

Entre 1968 e 1978 a Seara Nova editou cerca de 200 títulos de caráter político. O ano de 1978 foi o último em que encontrei edições deste tipo realizadas pela editora.

A Seara Nova fez parte do Bloco Editorial Expresso, empresa que fazia a divulgação e comercialização das obras de várias editoras progressistas, como Livros Horizonte, Avante!, Estampa, Prelo, Presença e Delfos, além de Arcádia e Estúdios Cor.

A editora tinha estrutura profissional, com coleções bem definidas do ponto de vista editorial e gráfico. A distribuição era feita, depois do fim do Bloco Expresso, pelas distribuidoras O Século e CDL – esta última ligada ao PCP. Além da distribuição via livrarias, a própria revista *Seara Nova* foi muito utilizada para a divulgação dos livros da editora, por meio de anúncios publicitários, sempre presentes nas edições da revista. Mas era a utilização de seu cadastro de assinantes como canal de venda de livros que lhe proporcionava um diferencial em relação à maior parte das demais editoras. Os livros recém-lançados eram enviados aos assinantes por correio com uma oferta de compra. Se o assinante quisesse comprar o livro bastava não o devolver. Neste caso lhe seria enviada uma cobrança por correio. Caso não quisesse o livro, devolvia-o ao carteiro e o exemplar retornava à editora.

Todavia, tal método foi avaliado pela direção da editora em dezembro de 1974 como

mais ruinoso do que economicamente vantajoso, pois obrigava a aumento de custos de edição, de custos de correio, a uma complexa máquina administrativa... e os livros não chegavam ao destino, ou, quando chegavam e eram aceites pelos nossos assinantes, só muito lentamente nos iam sendo pagos. E nem sempre o eram... (Seara Nova, 1974)

Em relação às tiragens e às vendas, a Seara Nova parece ter tido um perfil mediano, ou seja, não editava grandes best-sellers, mas seus livros tinham boa aceitação e boas vendas. Dos livros que pude consultar, cabe destacar alguns que trazem a informação de tiragens acima da média:

- *Portugal depois da Revolução dos Capitães*, de Wilfred Burchett, lançado em Julho de 1975. Tiragem: 20.200.
- *Cantos da revolução*, de José Jorge Letria, Maio, 1975. Tiragem: 10.200.

- *Herdeiros e continuadores do anarquismo*, de Pedro Soares, Março, 1975. Tiragem: 10.200.
- *Sobre a nacionalização da banca*, de Lenin, Abril, 1975. Tiragem: 7.200.
- *O socialismo vai bem*, de Michel Jouet, Abril, 1975. Tiragem: 6.350.

Além desses, vários títulos foram lançados com tiragens entre 4 mil e 5 mil exemplares, e houve muitas reedições.

Nos anos de 1974 e 1975, três títulos da Seara Nova apareceram na lista “Os best-seller da quinzena” do jornal *Expresso*: em 8 de Junho de 1974 o livro *Para onde vai a economia portuguesa?*, de Francisco Pereira de Moura (9º lugar); e em 2 de Agosto de 1975 os livros *Portugal depois da Revolução dos Capitães*, de Wilfred Burchett, em 1º lugar, e *No reino de Caliban: antologia panorâmica da poesia africana de expressão portuguesa*, em 9º (Os best-seller da quinzena, 1974, 1975).

Não resta dúvida de que pela sua qualidade, abrangência temática e atualidade, as edições da Seara Nova tiveram um papel importante no período estudado – mesmo que a sua atividade se restringisse apenas à edição de livros, o que não era o caso, visto que o carro-chefe da editora era a revista. A editora publicou obras de muitos autores portugueses ligados ao pensamento de esquerda e à oposição ao salazarismo. Mesmo após a virada à esquerda pós-1974, quando a editora passou a estar sob o comando da linha política do PCP, a editora manteve um caráter pluralista, ainda que menos aberto do que anteriormente.

Como vimos, António Reis aponta a “hegemonia doutrinária comunista” pós-1974 como o fator determinante para o fim da revista e da editora, em 1978-79. Parece certo que uma vinculação tão marcada ao PCP colaborou para isolar a editora e afastar leitores, contribuindo para o fim de uma verdadeira instituição cultural portuguesa, com mais de 50 anos de vida. Mais ainda porque o período que se inicia em 1976 marca certa estigmatização do PCP por largos setores da sociedade portuguesa. Mas este não foi o único fator a determinar o fim da editora. Deve-se levar em conta, também, que no fim dos anos 1970 e início dos anos 1980 houve um refluxo de muitas outras iniciativas editoriais ligadas a grupos de esquerda, vinculadas a outros partidos e grupos políticos, ou seja, o fim da Seara Nova não foi um fenômeno isolado,

ao contrário, fez parte de um movimento político de “normalização” política pelo qual Portugal passou e que atingiu a esquerda em termos mais amplos, não se restringindo ao campo comunista ligado ao PCP.

A revista *Seara Nova* foi refundada em 1985 por Ulpiano do Nascimento, mantendo-se ainda hoje com circulação trimestral. Não foi reativada a edição de livros.

No Anexo 1 há uma pequena lista com alguns dos principais títulos de caráter político editados pela *Seara Nova* entre 1968 e 1978.

4. Editorial Estampa

Editora fundamental para a divulgação da literatura marxista em Portugal – antes e depois do 25 de Abril –, foi das mais atuantes casas de edição nos anos 1970.

A Editorial Estampa foi criada em dezembro de 1960, em Lisboa, por Paradela de Abreu, mas a sua transformação em editora de referência do pensamento de esquerda ocorreu a partir de 1969, quando António Manso Pinheiro (1994) tornou-se sócio da empresa, juntamente com outras pessoas ligadas ao PCP.

Manso Pinheiro era na ocasião militante do PCP – responsável pelo setor intelectual do partido em Lisboa antes do 25 de Abril – e seu posicionamento ideológico se refletirá claramente na linha editorial que vai implementar na Estampa. Para Fernando Rosas, a editora tornou-se “uma causa do PCP, a causa da divulgação dos autores e das obras de referência da visão do marxismo-leninismo que o partido e a URSS partilhavam” (Rosas, 2007). A editora, sem ter vínculos formais com o partido, certamente atuou em consonância com a sua linha política, e forneceu vasto material de estudo e formação para os militantes e simpatizantes comunistas portugueses – e também de outros países de língua portuguesa.

Ana Maria Alves, com quem Manso Pinheiro se casou em 1971, constituiu, ao lado do marido, o núcleo diretor da Estampa, até a sua morte, em 1989.

Nuno Medeiros destaca o papel da Estampa na edição de ensaios políticos no terço final dos anos 1960, “com séries como ‘Clave’ e ‘Polémica’” (Medeiros, *op.cit.*, p. 250.). De fato, a editora foi uma das principais responsáveis, ainda durante a ditadura, pela edição em Portugal de muita literatura marxista e socialista, principalmente dos seus principais teóricos e pensadores.

Várias coleções com livros de caráter marxista, oposicionista ou contestador foram lançadas pela Estampa durante o marcelismo: em 1970, a coleção Praxis e a coleção Teoria; em 1971, as coleções Cadernos de Política Internacional e Polémica (Nova Série); em 1972, a Biblioteca Estampa; e em 1973 a Biblioteca de Economia Contemporânea.

A editora aparece com destaque na já citada lista de livros “de intenção revolucionária” editados em Portugal em 1971, organizada por Martinho de Freitas.

Deve-se destacar, portanto, a ousadia do editor de publicar dezenas de títulos de clara conotação marxista, enfrentando, é certo, a perseguição política daí decorrente. No levantamento de “Livros proibidos nos últimos tempos da ditadura”, José Brandão aponta 21 títulos da Estampa proibidos até a queda de Marcelo Caetano (Brandão, *op. cit.*), o que a torna, ao lado da Seara Nova, uma das editoras mais atingidas pela censura.

Não por acaso, o editor Manso Pinheiro havia sido detido pela DGS/PIDE uma semana antes do 25 de Abril, sendo um dos muitos presos políticos libertados na ocasião.

Após o fim da ditadura, surgiram, entre outras, as coleções Biblioteca do Socialismo Científico e Cadernos Políticos, em 1974, e Mundo Socialista, em 1975, de claro teor político e de divulgação do marxismo e das experiências dos países socialistas.

Nesse mesmo período a Estampa também publicava muitas obras de literatura, tendo editado autores como Herberto Helder, Júlio Cortázar, Luiz Pacheco, Henry Miller, André Breton, entre muitos outros, obras de teatro e as obras completas de Almada Negreiros.

Alguns livros da Estampa foram mencionados na lista “Os best-seller da quinzena”, do jornal *Expresso*, em 1974 e 1975, todos eles de autores clássicos do pensamento marxista:

- *Contribuição para a crítica da economia política*, de Karl Marx (14 de Setembro de 1974, em 10º lugar)

- *O socialismo científico*, reunião de textos de Marx, Engels, Lenine (25 de Janeiro de 1975, em 8º lugar)

- *Textos filosóficos*, de Karl Marx (1º de Março de 1975, em 4º)

- *A sociedade comunista*, coletânea de Marx, Engels e Lenine (7 de junho de 1975, em 9º) (Os best-seller da quinzena, 1974, 1975)

A Estampa também fez parte do Bloco Editorial *Expresso*. A editora tinha estrutura profissional e nos anos 1970 teve sempre um bom volume de lançamentos. A distribuição era feita pelas distribuidoras CDL e O Século.

Após ser um dos coordenadores da campanha eleitoral do PCP para a Assembleia Constituinte em 1975, naquele mesmo ano Manso Pinheiro se afastou do partido, passando a apoiar ideias mais ao centro do espectro político (Rosas, *op. cit.*).

Na década de 1980 tiveram destaque os lançamentos da coleção *Imprensa Universitária* (criada em 1978) e a publicação das obras completas de José Rodrigues Miguéis. Foi publicada também a coleção *Nova História da Expansão Portuguesa*, dirigida por Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques (Historial e missão, 2010).

António Manso Pinheiro faleceu em 2007. A Editorial Estampa continua em atuação atualmente, mantendo-se como editora independente. Ainda quando Manso Pinheiro estava à frente da Estampa, a sua linha editorial havia se diversificado muito, passando a abranger as áreas de livros práticos, livros espiritualistas e holísticos, *thriller* esotérico, ensaios sobre os traços fundamentais do pensamento hermético, obras dedicadas à saúde natural e medicinas alternativas, guias turístico e guias linguísticos de conversação (Historial e missão, 2010).

No período entre 1968 e 1982 a Editorial Estampa editou mais de 300 títulos de carácter político, com uma média anual acima dos 20 títulos com estas características. O total geral de títulos editados neste período deverá ter

chegado a cerca de 500. A maior parte era de obras traduzidas, com significativa participação de autores socialistas, desde os fundadores e principais pensadores – com destaque para Marx, Engels, Lenin e Rosa Luxemburg – até diversos autores soviéticos. Mas editou também muitas obras políticas de autores portugueses, entre os quais Álvaro Cunhal, Urbano Tavares Rodrigues, Sergio Ribeiro, Maria Belmira Martins, Mário Vieira de Carvalho, Júlio da Silva Martins, Carlos da Fonseca e Pedro Ramos de Almeida.

No Anexo 2 há uma pequena lista com alguns dos principais títulos de caráter político editados pela Estampa entre 1968 e 1982.

5. Algumas considerações

Parece claro que estas editoras de caráter político – e as obras por elas editadas – desempenharam um papel político-ideológico e social de alguma relevância, seja nos anos que antecederam o 25 de Abril, seja no processo desencadeado a partir daquele momento.

Como é fácil de constatar, consultando os dados da produção editorial nos anos 1970 que estou levantando, os livros políticos tiveram grande aceitação no período a partir de 1968 e até o final da década seguinte, principalmente em 1974-1975, quando também passou a ser possível apurar de forma mais detalhada os resultados de vendas desses livros. A lista de livros mais vendidos publicada em 1974 e 1975 pelo semanário *Expresso*, um dos mais importantes jornais daquele período, mostrava sempre os livros políticos dominando as vendas, sobrando pouco espaço, nas listas, para livros de outros gêneros. Da mesma forma, alguns depoimentos de editores atuantes naqueles anos que recolhi em minha pesquisa referendam esse fato⁶, confirmando que a venda da edição política atingiu níveis nunca mais alcançados no país. Esse é um dos indicadores da repercussão, da circulação e da possível influência social que estas publicações tiveram naquele período.

⁶ Por exemplo, os depoimentos de Francisco Melo, das Edições Avante!, de João Barrote, das Edições Escorpião e Livros Exemplares, e de João Camacho, das editoras Nova Aurora e Vento de Leste.

Parece, então, que a atuação das editoras políticas levou efetivamente à configuração de uma rede de comunicação, no sentido em que Darnton utiliza este conceito, com destacado papel de editores e livreiros. Ao mesmo tempo, o aumento da produção e da circulação de livros parece ter tido conseqüências intelectuais e políticas, tornando mais amplo e dinâmico o debate de ideias, o que nos aproxima do conceito de Elizabeth Eisenstein de “disseminação ampla” para definir o que se passou no campo editorial em Portugal nos anos 1970⁷.

Assim, os livros de caráter político e as editoras que os publicaram representaram uma forma de contestação à ditadura salazarista, e também um canal para a organização de setores de oposição ao regime; após o 25 de Abril, refletiram a efervescência e a diversidade política que tomaram conta do país. Além disso, forneceram subsídios aos debates, trouxeram ideias novas e reavivaram outras, refletiram o pensamento e as propostas de cada um dos agrupamentos políticos existentes, proporcionando canais de expressão a esses agrupamentos, oxigenaram a sociedade que até então tinha o acesso limitado ao pensamento inovador, contestador ou simplesmente reformista, enfim, colaboraram para tornar Portugal um país mais aberto, livre e moderno.

No caso das editoras que tinham ligações mais diretas com organizações políticas – e eram muitas –, a edição de livros de caráter político representou uma forma de inserção pública dessas organizações nos debates em curso na sociedade, além de serem também utilizados como instrumentos de propaganda de suas ideias e de formação para seus militantes.

⁷ O conceito de “disseminação ampla” foi desenvolvido por Elizabeth Eisenstein em seu livro *A revolução da cultura impressa* (EISENSTEIN, 1998), que estuda as conseqüências da invenção da imprensa no desenvolvimento das ideias na Europa, analisando os efeitos do aumento da produção de materiais impressos e as mudanças na recepção e na produção intelectual decorrentes desse processo. Segundo a autora, a disseminação mais ampla de livros, proporcionada pelo aumento da produção decorrente da invenção da imprensa no século XV, levava a alterações na recepção e na produção intelectual dos livros, gerando, em certo período, uma “efervescência [intelectual] provocada pelo acesso a um maior número de livros” (Idem, *ibidem*, p. 59). Eisenstein destaca também o papel proeminente que tiveram nesse processo os “profissionais engajados em operações editoriais”, a começar pelo mestre impressor (Idem, *ibidem*, p. 60). Devemos ressaltar, todavia, que não podemos simplesmente transpor esse conceito, pensado para a análise dos efeitos na Europa, nos séculos XV e XVI, da edição de livros impressos, para os processos vividos em Portugal nos anos 1970 e 1980.

ANEXO 1

Alguns dos principais títulos de caráter político editados pela Seara Nova entre 1968 e 1978:

Sem coleção

II Congresso Republicano de Aveiro : Teses e documentos. 1969.

Congresso da Oposição Democrática : conclusões. 1973.

Mulheres portuguesas na resistência. Rose Nery Nobre de Melo. Agosto, 1975. Tiragem: 5.200.

O capital monopolista conspira assim! Análise e divulgação de documentos inéditos. Comissão Coordenadora Intercomissões de Trabalhadores do Grupo CUF. 1977.

Discursos, conferências, entrevistas. Vasco Gonçalves ; introd. J. J. Teixeira Ribeiro. 1977.

Cadernos Seara Nova

De Bandung a Nova Delhi. Josué de Castro. 1968.

As cooperativas em questão: para a história da decreto-lei 520/71. Organização, prefácio e notas de Lino de Carvalho e Gorjão Duarte. Novembro, 1972.

Por uma democracia anticapitalista. Mario Sottomayor Cardia. Julho, 1973.

Nossa América. Salvador Bueno, Roberto F. Retamar. 1973.

Porque se revoltam os estudantes? As origens dos movimentos estudantis nos países de capitalismo avançado. Fernando Correia. Novembro, 1973.

A nova face da ditadura brasileira. Miguel Arraes. Novembro, 1974.

Vinte e um dias de luta. Urbano Tavares Rodrigues. Maio, 1975.

Cantos da revolução. José Jorge Letria. Maio, 1975. Tiragem: 10.200.

Cuba e Argélia: caminhos do Terceiro Mundo. Novembro, 1975. Tiragem: 4.200.

Sobre a nacionalização da banca. V. I. Lênine. Abril, 1975. Tiragem: 7.200.

Os apontamentos. José Saramago. Janeiro, 1976. Tiragem: 4.200.

Registos do outono quente. Urbano Tavares Rodrigues. 1976.

Sobre a liberdade e a democracia em regime socialista. Marx, Engels, Lenine. Novembro, 1976. Tiragem: 3.200.

O Capital de Marx sempre actual. Porquê? V. Vygotski. 1976.

Sobre o humanismo na sociedade comunista. Marx, Engels, Lenine. Maio, 1977.

Coleção Argumentos

Sobre o antimarxismo contestatário ou as infelicidades de um jdanovista ofuscado pelo neocapitalismo. Sottomayor Cardia. Dezembro, 1972.

O obscurantismo salazarista. Joaquim Barradas de Carvalho. Novembro, 1974.

Lições sobre o fascismo. Palmiro Togliatti. 1975.

Suor e alegria: os trabalhadores em Cuba. Márcio Moreira Alves. Julho, 1975. Tiragem: 3.200.

O 25 de Abril e o problema da independência nacional. António Borges Coelho. Agosto, 1975. Tiragem: 5.200.

Lénine e o partido bolchevique. Humberto M. da Cruz. 1976.

Coleção Que país?

Direitos, liberdades e garantias individuais. José Magalhães Godinho. 1973.

A censura e as leis de imprensa. Alberto Arons de Carvalho. 1973.

O fracasso da política de direita: 16 meses de governo PS. Eugénio Rosa. Fevereiro, 1978. Tiragem: 5.200.

Reforma agrária: contributo para a sua história. Blasco Hugo Fernandes. Agosto, 1978. Tiragem: 3.200.

Obras Escolhidas de Amílcar Cabral (Texto coordenados por Mário de Andrade)

A arma da teoria: unidade e luta I. Vol. I. 2ª ed. Fevereiro, 1978. Tiragem: 3.000.

A prática revolucionária: unidade e luta II. Vol. II. Novembro, 1977. Tiragem: 5.200.

Coleção De Leste a Oeste

A minha guerra com a CIA (A luta do Camboja pela sobrevivência). Norodom Sihanouk. Julho, 1975. (1ª ed. 1973)

Duas ou três coisas sobre a União Soviética. Martine Monod. 1974.

A guerra em Angola. Mário de Andrade e Marc Ollivier. Setembro, 1974.

O despertar da revolução brasileira. Márcio Moreira Alves. Janeiro, 1975.

Portugal depois da Revolução dos Capitães. Wilfred Burchett. Julho, 1975. Tiragem: 20.200.

Portugal antes e depois do 25 de novembro. Wilfred Burchett. Abril, 1976. Tiragem: 5.200.

Coleção Universidade Livre

Marx/Engels. Jean Bruhat. 1973.

Escritos políticos. Vol. I. Antonio Gramsci. 1976.

Sobre "O Capital" de Marx. F. Engels. 1977.

ANEXO 2

Alguns dos principais títulos de caráter político editados pela Estampa entre 1968 e 1982:

Coleção Biblioteca do Socialismo Científico

O esquerdismo, doença infantil do comunismo. V. I. Lênine. Dezembro, 1974. (2ª ed. 1977)

Acerca das questões do leninismo. Estáline. Janeiro, 1975.

Textos económicos. Karl Marx. Janeiro, 1975.

O 18 de Brumário de Luís Bonaparte. Karl Marx. 1976.

O controle operário e a nacionalização da indústria. Lenine. 1976.

As questões fundamentais do marxismo. Jorge Plékhanov. 1976.

Textos escolhidos. Rosa Luxemburg. 1977.

O direito à preguiça e outros textos. Paul Lafargue. Agosto, 1977. Tiragem: 3.200.

A sociedade futura. August Bebel. 1978.

Coleção Teoria

Lenine e a filosofia. Louis Althusser. Maio, 1970. (2ª ed. 1974)

A génese do socialismo científico. Émile Bottigelli. 1971; 3ª ed. 1974.

Materialismo e empirocriticismo. Vladimir Ilitch Ulianov. 1971; 2ª ed. 1975.

Contribuição para a crítica da economia política. Karl Marx. 1971. 5ª ed. Dezembro, 1977. Tiragem: 3.000.

O que é o marxismo. Vladimir Ilitch Ulianov. 1973.

Obras escolhidas. Vol. 1. António Gramsci. Junho, 1974.

Textos escolhidos. Ho Chi Minh. 1975.

As lutas de classes em Portugal nos fins da Idade Média. Álvaro Cunhal. Junho, 1975. Tiragem: 10.200.

História marxista, história em construção. Pierre Vilar. 1975.

Socialismo e democracia: resposta aos oportunistas. Boris Topornine e Eduard Matchuiski. 1976.

Contra o trotskismo. V. I. Lenine. 1977.

Sobre o colonialismo. Karl Marx, Friedrich Engels. 1978.

A sociedade civil burguesa. G. W. F. Hegel; trad. José Saramago. 1979.

A transformação da filosofia; seguido de Marx e Lénine perante Hegel. Louis Althusser. 1981.

Coleção Polémica

A guerra do Vietnam. Jorge Santos... [et al.]. 1968.

O problema racial nos E.U.A. visto por portugueses. Apres. de Urbano Tavares Rodrigues. 1968.

Coleção Polémica (Nova Série)

Portugal e a Comuna de Paris. Ana Maria Alves. 1971.

A condição da mulher portuguesa. Sergio Ribeiro e outros. Apres. Urbano Tavares Rodrigues. Março, 1972.

A emigração portuguesa em França. J.A. Pires de Lima. 1974.

Eleições para a Constituinte em processo revolucionário. Vasco Corregedor da Fonseca. Julho, 1975. Tiragem: 5.200.

As multinacionais em Portugal. Maria Belmira Martins. Fevereiro, 1976. Tiragem: 5.200.

A música e a luta ideológica. Mário Vieira de Carvalho. Março, 1976. Tiragem: 3.200.

BBC versus Portugal : a história de um despedimento político. António Cartaxo, Jorge Ribeiro. 1977.

Coleção Clássicos de Bolso

Reforma ou revolução?. Rosa Luxemburg. 1970.

Antologia filosófica. Marx - Engels. 1971. (2ª ed. Outubro, 1974. Tiragem: 5.000).

Coleção Cadernos de Política Internacional

Chile: a etapa necessária. A. Villaverde Cabral, José Garibaldi. Dezembro, 1971.

Coleção Cadernos Políticos

Anticomunismo e coexistência entre países socialistas e capitalistas. A. Boutenko e outros. Outubro, 1974.

O socialismo científico. Marx, Engels, Lenine. Novembro, 1974; 2ª ed. 1975.

Racismo e imperialismo. Piotr Chastitko. 1974; 2ª ed. 1975.

Princípios do materialismo dialético. A. Spirikine, O. Yakhot. 1975; 2ª ed. 1976.

O liberalismo americano : mitos e realidades. A. Valyuzhenich. 1977.

O ensino na U. R. S. S. : estrutura - economia. V. Zhamin. 1978.

Coleção Praxis

O socialismo sueco. Jacques Arnault. 1970.

O que é a C. I. A.? Alain Guerin. 1971.

Lénine e a III Internacional. Vladimir Illitch Ulianov. 1971.

Um ano de fascismo no Chile. Setembro, 1974.

Watergate : série negra para a Casa Branca. Claude Kroes. 1974.

Presença de Lenine. Georges Cogniot. 1975.

Os intelectuais e as lutas de classe. Antoine Casanova, Claude Prévost, Joe Metzger. 1976.

A Espanha entre o franquismo e a democracia. Jean Rony. 1977.

A revolução de Outubro e os intelectuais. S. Fedyukine. 1978.

Marxismo e revolução sexual. Alexandra Kollontai. 1981.

Coleção Clave

Capitalismo, ontem e hoje. Maurice Dobb. Outubro, 1967.

Os fascismos na história. Henri Lemaître. Março, 1968.

Coleção Biblioteca Estampa

História das ideologias: o capitalismo. Direção de V. S. Pokrovski. 1972. 2ª ed. 1973. Abril, 1973. 4ª ed. 1977.

Manual de economia política. 5 Volumes. K. V. Ostrovitianov, L. A. Leontiev, I. D. Lantiev, L. M. Gatovski, I. I. Kuzminov e V. N. Starovski. 4 ed. Maio, 1976. Tiragem: 4.000. (1ª ed. Outubro, 1972)

O comunismo científico. P. Fédosséev... [et al.]. 1977.

Coleção Mundo Socialista

República Democrática Alemã: a construção do socialismo. 1975.

Hungria: das origens ao socialismo. András Székely e Tibor Huszár. Maio, 1975. Tiragem: 5.200.

U. R. S. S. a caminho da sociedade comunista. 1975. Agosto, 1975. Tiragem: 5.200.

Polónia: sistema político e desenvolvimento socialista. Michael Sadowski. 1976.

República Socialista da Checoslováquia. Zdener Madar. 1976.

Referências bibliográficas

Livros e teses

AA.VV. *Editores portugueses na III Bienal Internacional do Livro São Paulo: 15 a 23/Junho/1974.* Lisboa: Império, 1974. Texto de apresentação da editora que consta no catálogo feito pelos editores portugueses que participaram da III Bienal Internacional do Livro de São Paulo de 1974.

CARDINA, Miguel. *A tradição da contestação: resistência estudantil em Coimbra no marcelismo.* Coimbra: Angelus Novus, 2008.

CORDEIRO, José Manuel Lopes. "Glossário dos anos do PREC... e de alguns mais". In: FREITAS, José Gualberto de Almeida. *A guerra dos cartazes.* Lisboa: Lembrabril, 2009, pp. 105-133.

DARNTON, Robert. "O que é a história dos livros". In: *O beijo de Lamourette.* São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

DARNTON, Robert. " 'O que é a história do livro' revisitado". Tradução de Lilia Gonçalves Magalhães Tavoraro. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 10, nº 16, p. 153-167, jan.-jun. 2008.

DARNTON, Robert. *Os best-sellers proibidos da França revolucionária*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

DARNTON, Robert. *O Iluminismo como negócio: história da publicação da Enciclopédia, 1775-1800*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

EISENSTEIN, Elizabeth L. *A revolução da cultura impressa: os primórdios da Europa Moderna*. São Paulo: Ática, 1998.

LEITE, Pedro Jorge de Oliveira Pereira. *Mercadores de letras: rumos e estratégias dos editores e livreiros na divulgação cultural durante o Estado Novo: 1933-1974*. Dissertação (Mestrado em História Contemporânea) – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1998. Disponível em: <<http://barrigadefreira.blogspot.com/>>. Acesso em: 5 mar. 2011.

MEDEIROS, Nuno. *Edição e editores: o mundo do livro em Portugal, 1940-1970*. Lisboa: ICS, 2010.

MERCADANTE, Paulo. *Portugal ano zero*. Rio de Janeiro: Artenova, 1975.

OLIVEIRA, César. *Anos decisivos: Portugal 1962-1985. Um testemunho*. Lisboa: Presença, 1993.

REIS, António. “Seara Nova” (verbete). In: ROSAS, Fernando; BRITO, J. M. Brandão de (coords.). *Dicionário de história do Estado Novo*. Vol. II. Lisboa: Bertrand, 1996.

ROSAS, Fernando. Biografia. In: PINHEIRO, Maria Odete Manso (coord.). *Antonio Carlos Manso Pinheiro: a homenagem*. Lisboa: Estampa/APEL, 2007, pp. 4-7.

SANTOS, José Alberto Loureiro dos. Os militares na democratização de Portugal. In: TEIXEIRA, Nuno Severiano. *Os militares e a democracia*. Lisboa: Edições Colibri, 2007.

SILVA, Josué. Nota introdutória. In: *Legião Portuguesa: força repressiva do fascismo*. Lisboa: DiAbril, 1975, p. 7-8.

VENTURA, António. O marxismo em Portugal no século XX. In: CALAFATE, Pedro (dir.). *História do pensamento filosófico português*. Lisboa: Caminho, vol. V, tomo 2, 2000, p. 217.

Artigos em periódicos

ANTÓNIO Manso Pinheiro, editor da Estampa. *Público*, Lisboa, 5 jul. 1994. Disponível em: <<http://quexting.di.fc.ul.pt/teste/publico94/ED940705.txt>>. Acesso em: 10 abr. 2011.

BARATA, Clara; QUEIRÓS, Luís Miguel. Os livros da resistência: livrarias no regime fascista. *Público*, Lisboa, 11 Jun. 1994, sup. *Leituras*, p. 1-4. Disponível em: <<http://quexting.di.fc.ul.pt/teste/publico94/ED940606.txt>>. Acesso em: 10 abr. 2011.

CLANDESTINOS. *Público*, Lisboa, 25 abr. 1994. Disponível em: <<http://quexting.di.fc.ul.pt/teste/publico94/ED940425.txt>>. Acesso em: 10 abr. 2011.

COMUNICADO da editora Seara Nova. *Seara Nova*, Lisboa, nº 1.539, p. 26, jan. 1974.

ENTREVISTA com Maria da Piedade e Pina Mendes, responsáveis pelo Departamento Editorial da Bertrand, *Notícias do Livro*, Lisboa, nº 5, mar. 1979, p. 7-11.

FREITAS, Martinho de. Análise dos textos para-revolucionários de autores de língua portuguesa editados em Portugal (1971). *Época*, Lisboa, ano 2, nº 426, 9 abr. 1972.

OS BEST-SELLER da quinzena. *Expresso*, Lisboa, 8 jun. 1974, 14 set. 1974, 25 jan. 1975, 1º mar. 1975, 7 jun. 1975, 2 ago. 1975. Hemeroteca Municipal de Lisboa.

PARCERIA A. M. Pereira: ocupação de uma editora. *Revolução*, Lisboa, nº 35, 10 abr. 1975, p. 10.

SEARA NOVA: ontem e hoje ao serviço da democracia. *Seara Nova*, Lisboa, nº 1.550, p. 2-3dez., 1974.

Artigos on line

BRANDÃO, José. Os livros e a censura em Portugal. *Blog Vidas Lusófonas*, 2007. Disponível em: <http://www.vidaslusofonas.pt/livros_e_censura.htm>. Acesso em: 15 mai. 2010.

DAURO, Covas. Ler com o Sr. Luís. Entrevista com Luís Alves Dias. *Blogue Todos os Livros*, jan./fev. 2008. Disponível em: <<http://todos-os-livros.blogspot.com/2008/01/ler-com-o-sr-lus-1.html>>. Acesso em: 20 fev. 2011.

HISTORIAL e missão. Página eletrônica da Editorial Estampa. Acesso em dez. 2010. Disponível em: <<http://www.estampa.pt/novosite/>>. Acesso em: 13 abr. 2011.

Entrevistas

Entrevista com António Monteiro Cardoso em 2 de março de 2011.

Entrevista com Francisco Melo. 1º de Fevereiro de 2011, Lisboa.